

UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE GAY NO ENTRETENIMENTO BRASILEIRO

Héilton Diego Lau¹

RESUMO

O discurso faz a ligação entre o homem e a realidade natural e social pela linguagem, o que está nas entrelinhas da fala do interlocutor. As mídias apresentam discursos carregados de ideologias, muitas vezes, inconscientemente pelo sujeito discursivo; a este, (des)construído por sua(s) identidade(s), em diversos contextos como colégio, trabalho e família, entre outros, é imposto parâmetros sociais culturais específicos e vivenciados dentro desses ambientes, agregando ou eliminando valores e comportamentos que precisarão ser validados pelo próprio eu. Na novela *Amor à Vida*, exibida em 2013 pela Rede Globo, Mateus Solano protagonizou um personagem homossexual, o qual foi desrespeitado no seu ambiente social quando se assumiu, trazendo à tona a polêmica da exibição da expressão homoafetiva. Levando em consideração esse pano de fundo, analisaremos os discursos empregados em uma reportagem da revista *Veja* acerca do sujeito homossexual expondo as maneiras de como é exibido, neste caso entre os personagens principais da novela (pai e filho) e o autor da novela Walcyr Carrasco, determinando o assunto através da análise de discurso de linha francesa e algumas questões do sujeito na pós-modernidade, sustentado teoricamente por Ducrot (1987), Bauman (2005), Orlandi (2005), entre outros, a fim de compreender com mais propriedade as relações (des)construídas entre os sujeitos envolvidos a partir de sua(s) identidade(s).

Palavras-chave: Discurso. Gay. Revista.

ABSTRACT

The speech makes the connection between man and the natural and social reality through language, which is in-between the speech of the speaker. The media present ideologies laden speeches, often unconsciously by the discursive subject in various contexts such as school, work and family, among others, it is experienced tax specific cultural and social parameters within these environments, adding or removing values and behaviors that need be validated by the self. In the novel *Amor a Vida*, displayed in 2013 by Rede Globo, Matheus Solano starred in a homosexual character, which was disrespected in their social environment when they took over, bringing up the controversial exhibit of homosexual expression. Considering this background, we will analyze the discourses employed in a report in *Veja* magazine about the gay guy exposing the ways in which it is displayed, in this case between the main characters of the novel (father and son) and the author of the novel Walcyr Carrasco determining the subject through discourse analysis and some issues of the subject in postmodern theoretically by Ducrot (1987), Bauman (2005), Orlandi (2005), among others.

Keywords: Discourse; Gay; Magazine.

¹ Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras Inglês pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO – *campus* Irati (2013), pós-graduando em Educação Especial com Ênfase em Libras pelo Instituto Superior de Aprendizagem Multidisciplinar – ISAM – e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, na área de Linguagem, Identidade e Subjetividade, seguindo a linha de pesquisa Subjetividade, Texto e Ensino, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. E-mail: heliton.diego@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis – LGBT – vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade brasileira, desmistificando tabus e quebrando o preconceito, tanto por meio de redes sociais quanto em novelas.

O foco deste trabalho será a análise da homofobia presente no discurso do pai César na novela *Amor à Vida*, discutido num artigo da revista *Veja* realizado em parceria com o produtor da novela, Walcyr Carrasco.

Para analisarmos os discursos, é necessária uma breve abordagem teórica sobre a Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa e a questão de identidade(s) dos sujeitos.

2 DISCURSOS E IDENTIDADES

O discurso é “um conjunto de enunciados que se (sic) remetem a uma mesma formação discursiva [...]” (BRANDÃO, 2004, p. 33). A base de estudo para a AD de linha francesa é o que se fala, escreve, os comportamentos, que geram várias interpretações. Orlandi (2005) usa a ideia de percurso, de movimento, ou seja, que o discurso é sempre aberto, livre para várias interpretações. Não se fica preso a regras gramaticais, sintáticas, mas, sim, notar a mediação entre o falante com sua realidade social. “Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2005, p. 15).

Segundo Mussalim, “O estudo do discurso para a AD [...] inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito” (MUSSALIM, 2004, p. 110). Em tudo o que falamos, expomos nossa opinião e estamos defendendo nossa ideologia e, também, criamos nossa identidade, que é influenciada pelo Outro, pois, ninguém é exclusivo. O “[...] Outro ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, é uma ordem anterior e exterior a ele, em relação a qual o sujeito se define, ganha identidade” (MUSSALIM, 2004, p. 109).

Os analistas do discurso devem estar “inseridos” no contexto social analisado, aplicar a leitura de mundo sobre o objeto estudado.

A Análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social. [...] O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado (MUSSALIM, 2004, p. 123).

Logo, a partir da inserção do contexto histórico-social, conhecemos melhor o sujeito, conhecendo, assim, sua identidade. Bauman (2005) afirma que a identidade só é composta através de “comunidades”, pela sociedade em geral na qual estamos inseridos: costumes, culturas, comportamentos adquiridos em função do Outro. Por intermédio dessas “comunidades”, o sujeito é refletido pelo “eu”, como Hall esboça: somos diferentes a todo momento, nossas identidades não estão fundidas em apenas um “eu”, mas sim em vários. “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p. 13).

Bauman (2005), novamente, comenta que a identidade não é sólida. As pessoas vão mudando de acordo com o ambiente em que estão inseridas e também pelo Outro, tornando-a, assim, uma identidade líquida.

A análise dos discursos dos personagens em destaque, César e Félix, mostra essa (des/re)construção de cada um, a partir do veículo revista *Veja*, cuja tiragem expressiva e cuja linguagem é acessível ao leitor comum, diferentemente do que aconteceria se se tratasse de um livro ou uma revista científica. O gênero utilizado para exibir o discurso dos personagens foi reportagem.

3 A CARACTERIZAÇÃO DO HOMOSSEXUAL

De acordo com as redes midiáticas, a novela *Amor à Vida*, exibida em 2013, foi a primeira novela brasileira a ter um beijo entre dois homens. A cena em questão gerou polêmica e uma grande repercussão em redes sociais, ora fazendo menção a menosprezo, nojo, difamação, ora a apoio. A partir dessa nova inserção do sujeito homossexual na novela, pressupomos essa nova abordagem que, particularmente, as novelas da rede Globo estão

adotando. Mateus Solano interpretou o personagem Félix Khoury, que trabalhava em uma empresa do pai, César Khoury (Antonio Fagundes). Depois de ter desviado dinheiro da empresa do próprio pai, Félix foi sustentado pela mãe Pilar Khoury (Suzana Vieira) por algum tempo.

O nosso objeto de análise é o discurso dos personagens representados na reportagem da revista *Veja*, publicada em 14 de agosto de 2013, a qual mostra um pouco da história da novela, principalmente como foi a revelação de que o protagonista é homossexual, e sua relação com o pai, juntamente com alguns discursos do produtor Walcyr Carrasco.

Na reportagem, há uma ilustração (figura 1) em que mostra pai e filho perto com alguns discursos do personagem homofóbico César.

FIGURA 1 – Discursos do homofóbico César



Fonte: Revista *Veja* de 14 de agosto de 2013, p. 106.

Antes mesmo de o leitor começar a ler a reportagem em si, os discursos colocados na voz do pai de Félix causam algum impacto e, pressupomos, chamam a atenção para que o

leitor continue. Podemos enumerá-las para fazer uma breve análise acerca do que está por vir:

Enunciado 1a: Para um *homem* como eu, que sempre deixou as mulheres loucas, não querer um filho gay é questão de *princípio*.
Enunciado 1b: Você tem *coragem* de me chamar de pai?
Enunciado 2a: *Sem mulher e sem filho*, você vai soltar a franga.
Enunciado 2b: Entre você e esse rapaz, quem é o *homem* e quem é a *mulher*?
Enunciado 3: É uma *mariquinha*, uma *bichinha* – e a culpa é sua, Pilar.
Enunciado 4: Eu não tenho preconceito. Quem quiser ser gay, que seja, *mas* não meu filho (grifos meus).

Podemos notar no **enunciado 1a** que a homofobia se justifica pela ideia de “masculinidade”, um tanto estereotipada em nossa sociedade heteronormativa, em que um homem para ser um homem “de verdade” é rotulado ao pegar várias mulheres, no caso de César, deixa-las loucas, diferente do filho, por causa de sua condição/orientação sexual, fato exposto no **enunciado 1b** geralmente do pai negar o filho que é homossexual, devido ao discurso machista.

No **enunciado 2a**, podemos reconhecer um pressuposto da “família tradicional” (pai, mãe e filho/filha), para a qual a junção entre os sujeitos masculino e feminino evita que um sujeito homossexual se assuma.

No **enunciado 2b**, há a possibilidade de nos referirmos ao binarismo que Butler (2003) comenta acerca da heteronormatividade, pois quando vem à nossa mente a palavra “casal”, imaginamos um homem e uma mulher, geralmente. Há associações errôneas de que um casal homossexual seja chamado de “par”, pois ambos são do mesmo sexo, iguais, como um par de brincos, por exemplo.

Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição [...], não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2003, p. 24).

Para ilustrar, podemos observar a tabela abaixo em que mostra o rompimento do binarismo e percebemos a diversidade.

TABELA 1 – Desconstrução da relação entre sexo, gênero e desejo

Sexo	Gênero	Desejo
Masculino	Masculino	Feminino
Feminino	Feminino	Masculino
Masculino	Masculino	Masculino/Feminino
Feminino	Feminino	Feminino/Masculino
Masculino	Masculino	Masculino
Feminino	Feminino	Feminino
Masculino	Feminino	Masculino/Feminino
Feminino	Masculino	Feminino/Masculino

As duas primeiras linhas da tabela mostram a possibilidade dos sujeitos serem heterossexuais, pois o seu corpo é cisgênero, ou seja, nasceu assim, se identifica como tal e o seu desejo é o oposto; este é, ainda em nossa sociedade pós-moderna, considerado o único “normal”. A partir da terceira e quarta linhas, há a possibilidade de os sujeitos serem bissexuais, pois são atraídos tanto por pessoas do mesmo sexo quanto pelas do sexo oposto. Na quinta e na sexta, os sujeitos são homossexuais, pois o que eles representam, com que se identificam e têm atração é do mesmo sexo. E, finalmente, nas últimas duas linhas, os sujeitos são identificados como travestis e/ou transexuais, pois o sexo com o qual nasceram não se iguala ao gênero com o qual se identificam, e a atração pode ser heterossexual e/ou homossexual. Por exemplo, nasceu uma menina, pois a identificamos assim por ela possuir os traços que a caracterizam dessa maneira, em especial, o órgão reprodutor. Entretanto, em períodos de adolescência, juventude ou até mesmo na infância, ela não se identifica como menina, mas sim como menino, ou seja, seu gênero é oposto ao sexo, e *e/le* (nesse caso, tratando o sujeito como se identifica) pode tanto sentir atração por meninos cisgêneros, meninas cisgêneras ou os dois. Dependendo do seu desejo, *e/le* poderá ser heterossexual, bissexual ou gay, pois a condição/orientação sexual não está ligada ao gênero.

No **enunciado 3**, as palavras ditas por César ofendem o filho, trazendo à tona palavras com as quais a “comunidade heterossexual” julga o ser homossexual, e que podemos fazer uma ponte, mais adiante, de palavras que a “comunidade LGBT” utiliza também para classificarem os “grupos” nos quais convivem.

No **enunciado 4**, podemos notar o preconceito “acobertado” que ainda é dito. A afirmação da liberdade do sujeito, porém, com a marca relativa à argumentação (cf. Brandão, 2013) aponta para a direção por meio da conjunção “mas”: “Eu não tenho preconceito. Quem quiser ser gay, que seja, *mas* não meu filho.”

Pensemos no discurso de César visto no **enunciado 4**, em que o pai de Félix diz não ser homofóbico. “É pela descrição da enunciação que se chega ao sentido do enunciado, isto é, analisando o modo pelo qual o sujeito falante representa a própria enunciação que está realizando” (BRANDÃO, 2013, p. 38).

Devemos ter o enunciado contextualizado, pois a frase poderia ter outro(s) sentido(s). No caso, esse discurso é dito pelo pai de Félix, sujeito que menospreza o filho devido à sua condição/orientação sexual, e isto é visto claramente no discurso de César.

O estudo de diálogos efetivos mostra que o encadeamento de réplicas se funda, geralmente, menos sobre o que foi dito pelo locutor do que sobre as intenções que, segundo o destinatário, teriam levado o locutor a dizer o que disse. [...] Se se admite que estas intenções fazem parte do sentido, tem-se uma razão a mais – considerando-se que a determinação depende das circunstâncias da fala – para admitir que o sentido não se deduz diretamente da significação. [...] É necessário, então, conhecer não só a frase mas a situação em que ela é empregada para saber o que fez aquele que a enuncia (DUCROT, 1987, p. 91).

Quando César iniciou seu discurso, pressupomos que ele era uma pessoa pós-moderna, que respeita as minorias, no caso a comunidade LGBT. Já na segunda parte do seu discurso, ele coloca a condição/orientação sexual homo como escolha, excluindo essa possibilidade do seu filho, de acordo com a nossa observação e as teorias utilizadas.

Na reportagem, há uma síntese da novela expressa pelo autor da reportagem e da cena em especial a qual Félix se assume:

Fragmento 1

No começo de *Amor à Vida*, o personagem foi apresentado como um pai amoroso e dono de hospital preocupado com seus pacientes pobres. Aos poucos, contudo, César foi se revelando um santo do pau oco. Ele não teve escrúpulos em se envolver com sua secretária, Aline (Vanessa Giácomo), bem debaixo do nariz da mulher, Pilar (Suzana Vieira). Mais recentemente, soube-se que Paloma (Paolla Oliveira), sua filha caçula, é fruto de outra relação extraconjugal. A máscara caiu de vez com a reação brutal de César à descoberta de que o filho mais velho é gay. Durante o jantar em família no qual Félix (Mateus Solano) foi arrancado do armário à fórceps, César fez expressão de nojo ao ver as provas do negócio: foto do seu rebento enroscado com o amante que chama de “anjinho”. Segurou-se para não agredir o filho: “Por mim, eu dava um murro na cara dele” (MARTHE, 2013, p. 106-107).

Podemos perceber como é formada a família, seguindo sempre o padrão heteronormativo, a família dita como “tradicional”, que inclui o clichê das novelas que envolve traição. Ao notarmos o comportamento de César, que tinha como amante sua secretária, Aline, recorremos a Beavouir que comenta: “O homem, reinando soberanamente, permite-se, entre outros, o capricho sexual: dorme com escravas ou hetairas, é polígamo” (BEAVOUIR, 1980, p. 75). Mais adiante, percebemos que César tem nojo porque seu filho é gay e ainda é obrigado a assumir, sendo ameaçado de levar um soco, entretanto, permite-se ter relações extraconjugais e é a favor da “família tradicional”, como observamos no **enunciado 2a**, mais acima.

Durante a reportagem, notamos a narração da novela em que Félix “sai do armário”, menção utilizada aos membros da comunidade LGBT que não expressam sua identidade, contraposta ao padrão heteronormativo empregado ainda na sociedade, ou por não terem encontrado uma “comunidade” com a qual se identifiquem ou por medo e opressão da família. Segundo Sedgwick (2007, p. 27): “A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário [...]” (SEDGWICK, 2007, p. 27). Enquanto a família de Félix não sabia de sua verdadeira condição/orientação sexual, sua verdadeira identidade, tudo estava ocorrendo normalmente com os demais, entretanto, quando a verdade é exposta e ele é obrigado a *assumir* quem ele realmente é, devido às provas, isso gera desprezo, inclusive nojo, para César.

Mais adiante, temos mais uma narração acerca do discurso de César, reproduzido pelo autor da reportagem.

Fragmento 2

Em conversa com a mulher o médico tachou Félix de “mariquinha” e “bichinha”, e acusou Pilar de ter transformado o filho em homossexual com seu jeitão de perua [...]. “Você mimou demais esse menino. Quando ele dizia que seu sapato não combinava com o vestido, eu queria morrer”, disse. Mas o pior, claro, foram as palavras reservadas ao próprio Félix. César revelou que sempre odiara seus trejeitos. “Você é discreto como um destaque de escola de samba”, *acusou*. Não se sensibilizou, por fim, quando Félix revelou seu alívio de sair do armário. “Você carrega meu nome. Isso me enche de vergonha”, *tascou* o pai (MARTHE, 2013, p. 107, grifos meus).

Vemos, novamente, a reação negativa com relação a condição/orientação sexual do filho, conforme já exposto no **enunciado 1b**. Juntamente com o **enunciado 3**, em que o pai caracteriza o filho de *mariquinha* e *bichinha*, adjetivos mencionados no feminino, que Beavouir afirma: “Na boca do homem o epíteto ‘fêmea’ soa como um *insulto*. No entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: ‘É um macho!’ O termo ‘fêmea’ é *pejorativo* [...]” (BEAVOUIR, 1980, p. 25, grifos meus). O discurso machista empregado pelo pai afeta o filho que é homossexual pelo fato de que quando xingamos um homem utilizando uma palavra no feminino como, por exemplo, “isso é coisa de mulherzinha”, na mente dos machistas isto está “diminuindo” por estar fazendo algo que deveria ser feito por uma mulher, como cuidar e limpar da casa, por exemplo. Além disso é comum se referir à ela como um sujeito fraco, indefeso, indelicado, até submisso, inclusive no ato sexual. Isso também evoca o sentido do homem ser ativo e a mulher passiva, durante o ato. Fator que chama a atenção e curiosidade, vista no **enunciado 2b** de César, pois fazem uma afirmação errônea, como no discurso do pai do Félix que pergunta quem é “homem” e quem é a “mulher”, quando classificam o sujeito ativo de “homem” e o sujeito passivo de “mulher” numa relação sexual homo.

O produtor Walcyr Carrasco deixa seu depoimento acerca da comunidade LGBT:

Fragmento 3

Carrasco pretende deixar claro que no meio gay vigora uma divisão de classes. “Os

gays atacam seus pares com apelidos como ‘barbies’² – aqueles que fazem muita ginástica – e ‘pão com ovo’³ – os muito pobrezinhos”, relata o autor (MARTHE, 2013, p. 107).

Através do discurso do autor da novela relatado pelo autor da reportagem, podemos fazer menção às classificações que a comunidade LGBT faz de si mesma, de seus “grupos”. Estes vocábulos mencionados pelo produtor são utilizados pela comunidade LGBT e possuem significados enumerados pelo livro *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, que reúne 1300 verbetes reunidos de cada estado e de alguns países que utilizam o bajubá.

O bajubá, linguagem utilizada pela comunidade LGBT, provém da língua religiosa pregada no Candomblé, o iorubá.

O iorubá é uma língua única, constituída por um grupo de falares regionais concentrados no sudoeste da Nigéria [...] e no antigo Reino Quero [...] hoje, no Benim, onde é chamada de *nagô*, denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil (CASTRO, 2005, p. 3, grifo da autora).

Alguns termos do iorubá também são utilizados na Umbanda/Candomblé como, por exemplo, “erê” que é criança, já para a comunidade LGBT, a mesma palavra significa adolescente, homossexual mais novo.

Os usuários do bajubá, proveniente do iorubá, utilizam-no quando estão reunidos em suas “comunidades de prática” (cf. Rampton, 2006), muitas vezes para falar sobre determinado assunto, para que outros ao redor não saibam do que estão falando, como se fosse uma espécie de código. Alguns adolescentes utilizam gírias com a mesma finalidade.

Ao utilizar essa linguagem, seus usuários depreendem o valor de uma determinada palavra, que é considerada neutra, signo ideológico por excelência (cf. Bakhtin, 2006). Por exemplo, a palavra “babado”, para a “comunidade heterossexual” que conhece apenas esta como um adjetivo, em que, por exemplo, uma criança estava comendo papinha se babou, e ficou babada. Para a comunidade LGBT os usuários tornam essa palavra “neutra” em algo

² S.f. Homossexual de corpo inflado, adepto da musculação e das bombas anabolizantes. Muitas barbies juram que são bofes (VIP & LIBI, 2013, p. 26).

³ S.m.(SP) **1.** Lanchinho que as bibitas sem condições financeiras para comer na rua levam de casa. **2.** As próprias bichas adeptas do lanchinho (Ibid, p. 103).

que possui um sentido para eles e, por consequência, produz uma ideologia, que para eles significa fofoca. Esta mesma palavra com este significado também é utilizada por mulheres, em alguns casos. O significado das gírias também varia de região para região.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar, a comunidade LGBT, mais especificamente os gays neste artigo, sofrem estereotipação, já que alguns ainda acreditam que a orientação sexual possa ser uma escolha. Para aqueles que pensam dessa forma, não há problema em as pessoas serem gays, desde que não sejam seus próprios filhos ou algum membro da família, forma de pensar vista no discurso de César.

Outro ponto relativo aos estereótipos sofridos pelos gays é a comparação com o binarismo presente numa relação heterossexual, na qual um dos membros precisa ser o “homem” e o outro a “mulher”. Para os homossexuais, isso não faz sentido, pois na relação homossexual não se fica preso ao binarismo, conceito que precisa ser revisto para que se diminuam o preconceito e a homolesbotransfobia, pelo fato de ainda estarmos presos em conceitos “fechados”, ainda presentes em nossa sociedade no século XXI.

O estereótipo não é só da “comunidade heterossexual” para a “comunidade LGBT”, pois nesta as “minorias” se subdividem em grupos e classificações tais como “inferiores” e “superiores”, em geral relativos à condição socioeconômica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3 ed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo: 1980.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

_____. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli. **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salvador. (org.). **Pasta de textos da professora e do professor**. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MARTHE, Marcelo. A César o que é de César. **Veja**, São Paulo, n. 2334, p. 106-107, 2013.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: BENTES, Ana Christina; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 2, p. 101-142.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. São Paulo: Pontes, 2005.

RAMPTON, Ben. Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 109-126.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n.28, jan./jun., p. 19-54, 2007.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da línguaafiada**. 24. ed. São Paulo: Editora do Bispo, 2013.

Artigo aceito em dez. 2014.